

# Fundamento teológico da operação periferia na arquidiocese de São Paulo

Theological foundation of Operation Periphery  
in the Archdiocese of São Paulo

Maria Cecília Domezi<sup>1</sup>

## Resumo:

Uma compreensão da fundamentação teológica da campanha que, na Arquidiocese de São Paulo, denominou-se Operação Periferia, é o que se propõe aqui. O cardeal arcebispo Dom Paulo Evaristo Arns a lançou e liderou, na década de 1970, como resposta ao apelo do Vaticano II através da *Ad Gentes* e como concretização da opção pelos pobres, assumida pela Igreja da América Latina na Conferência de Medellín. Na consciência de Corpo Místico de Cristo, a Igreja particular de São Paulo voltou-se prioritariamente para a população da periferia da metrópole através de um novo modo de pastoral urbana, com organismos favorecedores da comunhão e participação de todo o Povo de Deus, e empenhando-se na partilha de bens com espiritualidade eucarística.

**Palavras-chave:** Operação Periferia, Igreja particular, Povo de Deus, pastoral urbana, opção pelos pobres.

## Abstract:

What is proposed here is an understanding of the theological foundation of the campaign that, in the Archdiocese of São Paulo, was called Operation Periphery. Cardinal Archbishop Paulo Evaristo Arns launched and led it in the 1970s as a response to the appeal of Vatican II through *Ad Gentes* and as an achievement of the option for the poor, a responsibility taken by the Latin American Church at the Medellín Conference. In the consciousness of the Mystical Body of Christ, the private Church of São Paulo turned primarily to the

<sup>1</sup> Maria Cecília Domezi é doutora em história pela PUC-SP e professora no ITESP.

peripheral population of the metropolis through a new mode of urban pastoral, with organizations that favored the communion and participation of the whole People of God and in the sharing of goods with Eucharistic spirituality.

**Keywords:** Peripheral Operation, Private Church, People of God, urban pastoral, option for the poor, responsibility

Entre as corajosas iniciativas do Cardeal Arns na Arquidiocese de São Paulo, durante a década de 1970, esteve uma campanha denominada *Operação Periferia* (cf. DOMEZI, 1995). Mesmo enfrentando grandes desafios e obstáculos, como a recessão econômica e a violência por parte do governo da ditadura militar, ele a lançou como ocasião para responder ao chamado do Concílio Vaticano II que, através do seu Decreto *Ad Gentes*, afirma a natureza missionária de todo o Povo de Deus:

Como membros de Cristo vivo, a Ele incorporados e configurados pelo Batismo e também pela Confirmação e a Eucaristia, obrigados se acham todos os fiéis ao dever de cooperar na expansão e dilatação de seu corpo, para O levarem quanto antes à plenitude (AG 36).

Ao explicar que essa operação não nasceu do desânimo por se constatar igrejas vazias, mas do entusiasmo da juventude e de muitos movimentos novos que passaram a interpelar a Igreja para o agir missionário, Dom Arns afirmou: *O Cristo veio procurar-nos na nossa miséria; nós, os cristãos, iremos procurar aqueles que de nós precisam, indo a todos os lugares que exigem nossa presença e ação.*

O objetivo era priorizar, no serviço missionário e pastoral, a população relegada às vastas regiões periféricas da cidade de São Paulo. Essa imensa periferia aparecia como uma *moldura de miséria*, como havia escrito recentemente o papa Paulo VI em sua *Octogesima Adveniens* (8-10). Ali chegavam continuamente grandes contingentes de migrantes, na maior parte procedentes do nordeste do país. Em êxodo rural e também por outros circuitos migratórios, eles fugiam da fome e buscavam emprego para sobreviver com suas famílias. Porém, na periferia de São Paulo encontravam um doloroso vazio de atendimento às suas necessidades mais básicas como pessoas humanas. E a esse vazio estrutural deixado pelo poder público somava-se o vazio da presença e da atuação da Igreja Católica.

Em nossos dias, temos estas palavras do papa Francisco: ... *desejo afirmar, com mágoa, que a pior discriminação que sofrem os pobres é a falta de cuidado espiritual, sendo que a imensa maioria deles possui uma especial abertura à fé* (EG 200).

A Operação Periferia, que consistiu numa concreta e solidária troca de recursos, materiais e humanos, entre centro e periferia, acabou sendo canal aberto para uma profunda reforma da Igreja particular de São Paulo. Conforme o

Concílio Vaticano II, a diocese é a porção do Povo de Deus confiada a um bispo para que a pastoreie em cooperação com o presbitério, de tal modo que, unida a seu pastor e por ele congregada no Espírito Santo mediante o Evangelho e a Eucaristia, constitua uma Igreja particular. E na Igreja particular verdadeiramente está e opera a Una, Santa, Católica e Apostólica Igreja de Cristo (CD 11).

Nesta orientação, a Igreja particular constituída na arquidiocese de São Paulo, no Brasil, desenvolveu um modo de pastoral urbana capaz de responder aos grandes desafios da metrópole, ao mesmo tempo em que buscava atender a cada particularidade da população, no cotidiano das suas realidades específicas.

Aqui se propõe uma compreensão do fundamento teológico da ousada campanha liderada pelo cardeal arcebispo Paulo Evaristo Arns que, enfrentando o terror da ditadura militar em vigor no país, reuniu todas as forças vivas dessa Igreja particular para concretizar a opção preferencial pelos pobres.

### **Igreja Corpo Místico de Cristo.**

O empenho em dar resposta pastoral e missionária à população da cidade de São Paulo evidenciava-se especialmente na celebração anual da festa de *Corpus Christi*. Preparava-se a de 1973, quando Dom Arns afirmou, numa alocução através da rádio da arquidiocese:

Num momento da história em que a Igreja se volta para o que lhe é mais essencial, a festa do Corpo de Cristo parece assumir nova importância. Talvez não seja mais o momento de os príncipes e poderosos, em ação pública, prestarem homenagens cintilantes ao Senhor todo-poderoso. Mas será a ocasião única de os fiéis de todas as classes, línguas e nações refletirem sobre a comunhão e a comunidade, sobre a relação do Evangelho e Eucaristia, e afinal sobre o Deus que caminha conosco (*O São Paulo*, 1973, p. 7).

Nesse empenho por uma atuação pastoral em chave missionária, o *mais essencial*, como atualmente nos orienta o papa Francisco, não estava na obsessão de transmitir desarticuladamente e à força da insistência uma imensidade de doutrinas. O anúncio, que precisa chegar realmente a todos sem exceções nem exclusões, tem que ir ao núcleo essencial do Evangelho, que lhe confere sentido, beleza e fascínio (*EG* 34-35).

Na realidade da cidade gigantesca que escancarava o contraste entre riqueza e pobreza, esbanjamento e miséria, bem como no contexto político do regime militar, a festa do Corpo de Cristo ganhava nova importância e chamava a Igreja a uma profunda reflexão. Como compactuar com as *homenagens cintilantes* de homens que abusavam do poder, indiferentes à degeneração da qualidade de vida no corpo social que se estendia por longínquas periferias? Como realizar um culto impregnado de civismo contraditório, quando o método das torturas era institucionalizado? (cf. POTTER, 1985).

Dom Arns era fiel à doutrina do Concílio Vaticano II, que diz: Cristo consumou a obra da redenção na pobreza e na perseguição; *como subsistisse na condição de Deus, despojou-se a si mesmo, tomando a condição de servo* (Fl 2,6); por nossa causa *fez-se pobre embora fosse rico* (2 Cor 8,9); *ao comunicar o Seu Espírito, fez de Seus irmãos, chamados de todos os povos, misticamente os componentes do Seu próprio Corpo*. A Igreja é chamada a seguir o mesmo caminho, a fim de comunicar às pessoas humanas os frutos da salvação (LG 7-8). Por isso, o cardeal arcebispo chamou a todos para, na universalidade da mesma Igreja, preparar a celebração do Corpo de Cristo como uma ocasião única de reflexão.

A comparação da Igreja a um corpo, do modo como o apóstolo Paulo o fez (1 Cor 12), nos faz entender a profunda ligação Cristo-Igreja. Cristo é a Cabeça (Cl 1,18) e a Igreja é um só corpo em Cristo (Rm 12,5). Como explica o Catecismo da Igreja Católica, mais que estar reunida em torno de Jesus Cristo, a Igreja se unifica no seu Corpo. E é nessa unificação com Cristo, a Cabeça do Corpo, que todos os membros da Igreja vivem a unidade entre si (JOÃO PAULO II, 2011, 789). O papa Pio XII já havia ressaltado que a Igreja deve ser um todo sem divisão. Os membros, em sua multiplicidade, mas unidos entre si, têm que auxiliar-se mutuamente. Em nosso corpo mortal, todos os membros sofrem junto com o membro que está sofrendo, e os membros são ajudados os que estão doentes. Assim também ocorre na Igreja: os membros não vivem cada um para si, mas socorrem-se e se auxiliam uns aos outros, para a mútua consolação e para o crescimento progressivo de todo o Corpo (PIO XII, 1943, pp. 14-15).

Um fato relevante é que a celebração de *Corpus Christi* passou a visibilizar uma crescente solidariedade dos membros do Corpo Místico de Cristo, não só entre si, mas também com as pessoas da humanidade que constituíam o corpo-povo sofredor. A Igreja em São Paulo se fazia sempre mais presente e evangelizadora nas regiões periféricas, principalmente através das comunidades eclesiais de base. E a partir da diversidade dos carismas do Espírito para o apostolado em todas as situações, inclusive naquelas extremamente difíceis, o serviço ministerial alimentava-se na Palavra do Evangelho: *Eu vim para que todos tenham a vida e a tenham plenamente* (Jo 10,10). Assim, os organismos eclesiais e as organizações de pastoral colocavam-se numa parceria solidária com a população trabalhadora e seus movimentos sociais.

A celebração, já preparada antes com catequese, tríduos e paraliturgias, começava com a chegada de procissões vindas de todos os lados. Eram os fiéis de cada região da arquidiocese, unidos com seu bispo auxiliar, presbíteros, religiosos e religiosas. Todos reunidos na praça, acolhidos pelo arcebispo com sua palavra de esperança, estavam longe de constituir o que se poderia chamar de massa anônima. Ali estava o Povo de Deus da Nova Aliança, na cidade de São Paulo, celebrando a Eucaristia, que é o sacramento da unidade de toda a Igreja.

Embora a celebração do Corpo de Cristo sempre fosse cercada de um aparato militar repressivo, a fraternidade cristã e o caráter essencialmente comunitário

da Igreja ali reunida ajudavam a vencer o medo. Todos unidos e corresponsáveis, ativos no exercício dos diversos ministérios, manifestavam a alegria de servir, na fidelidade aos dons do Espírito. Era a Igreja *povo reunido em virtude da unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo* (LG 4), empenhada em ser sinal da união íntima com Deus e da unidade de todo o gênero humano, enquanto busca iluminar as pessoas humanas todas com a claridade de Cristo que resplandece na sua face (LG 1).

Como afirmou o papa João Paulo II, o povo da nova aliança que se une a Cristo não se fecha em si mesmo, mas se torna *sacramento* para a humanidade, sinal e instrumento da salvação realizada pelo mesmo Cristo para a redenção de todos (JOÃO PAULO II, 2003, p. 22). Por isso, longe de ser uma Igreja fechada em si mesma, era o Povo de Deus que se alarga no exercício de sua missão no mundo. Como diz o Concílio, buscando o ensinamento de Santo Tomás de Aquino, *os que ainda não receberam o Evangelho se ordenam por diversos modos ao Povo de Deus* (LG 16).

O papa Francisco, retomando a afirmação do papa Bento XVI, de que *também o serviço da caridade é uma dimensão constitutiva da missão da Igreja e expressão irrenunciável da sua própria essência* (BENTO XVI, 2012, 996), mostra que, da natureza missionária da Igreja, brota inevitavelmente *a caridade efetiva para com o próximo, a compaixão que compreende, assiste e promove* (EG 179).

O próprio Dom Arns, ao afirmar que *o Deus da Justiça é o mesmo Deus do Amor*, testemunhou: *Nunca perguntei pela cor política ou ideológica de uma pessoa. Só me interessou saber se a imagem de Deus estava sendo nela respeitada e se eu podia prestar-lhe algum auxílio em horas de solidão e de perseguição* (ARNS, 2001, p. 202).

Por isso, a adoração a Jesus na Eucaristia se fazia com consciência da sua *kenosis* (Fil 2,5-11), da sua descida até ao patamar do último dos irmãos, para elevar a todos. No seguimento de Jesus que, pelo mistério da sua Encarnação, assumiu um corpo humano e tudo o que faz parte da nossa realidade, ali estava uma Igreja reunida, empenhada em atualizar seu compromisso de amor a Cristo enquanto buscava identificar-se com todas as pessoas sofredoras, assumindo seus problemas e aspirações (*O São Paulo*, 1976, p. 6).

Nesta direção está a proposta eclesiológica do papa Francisco:

Com obras e gestos, a comunidade missionária entra na vida diária dos outros, encurta as distâncias, abaixa-se – se for necessário – até à humilhação e assume a vida humana, tocando a carne sofredora de Cristo no povo. Os evangelizadores contraem assim o *cheiro de ovelha*, e estas escutam a sua voz (EG 24).

Propõe-se aqui uma Igreja servidora da humanidade, segundo a afirmação do papa Paulo VI em seu Discurso de Encerramento do Concílio, assumida no Documento de Medellín: *A Igreja não é impulsionada por nenhuma ambição terrena. O que ela quer é ser humilde servidora de todos os homens* (Med 14,18).

## Igreja que vive da Eucaristia.

O espírito da Operação Periferia era profundamente eucarístico. Cada um era chamado a doar-se pelo bem dos outros, e também se incentivava a partilha dos bens entre todos.

Propunha-se uma troca de bens entre as paróquias e comunidades situadas em partes mais desenvolvidas da cidade e aquelas da periferia. Nas vilas e favelas, cheias de riscos e desprovidas de todos os recursos urbanos, as pequenas e aparentemente frágeis comunidades eclesiais de base tinham, como novidade a oferecer, a experiência do seu modo de ser Igreja dos pobres; por sua vez, as comunidades situadas em bairros mais centrais podiam doar, além de recursos materiais, também o serviço qualificado de assistentes sociais, educadores, médicos sanitaristas, engenheiros e muitos outros profissionais, além do trabalho de muitas e muitos agentes de pastoral.

Assim que lançou esta campanha, Dom Arns explicou que a atitude da Igreja é de serviço que enriquece a todos, e não a de dar apenas esmolas ou presentes. Tratava-se de uma troca de serviços e de benefícios na corresponsabilidade, pois *quem dá recebe e quem recebe também tem o que dar*. Nessa troca estão o conforto material, as possibilidades de progresso e de encontro entre pessoas. Os da periferia podiam ajudar os das regiões centrais a reencontrar o que é essencial à pessoa humana. E todos, abrindo-se à abundância da graça, sairiam do individualismo à medida em que se fizessem *tudo para todos* (*O São Paulo*, 1972, p. 7).

Essa partilha de bens não era fácil, principalmente pela dificuldade em se superar a mentalidade e as práticas assistencialistas. Era preciso entrar, de fato, no processo de conversão da Igreja que se punha em deslocamento para as periferias. A afirmação de Dom Arns de que *enquanto os pobres não puderem participar, o mundo continuará injusto* (*O São Paulo*, 1978, p. 1), nos faz retomar a repreensão do apóstolo dos gentios à comunidade de Corinto porque as divisões e o egoísmo em seu interior eram incompatíveis com a celebração da Ceia do Senhor: *... cada um se apressa em comer sua própria ceia. E enquanto um passa fome, outro fica embriagado* (1 Cor 11,21).

A Eucaristia sempre esteve no centro da vida da Igreja, desde quando era denominada *fração do pão* (JOÃO PAULO II, 2004, 3). Este sacramento consolida a incorporação em Cristo operada no Batismo pelo dom do Espírito (cf. 1 Cor 12,13.27). A Igreja vive da Eucaristia. Nela, Jesus Cristo torna presente o seu mistério de morte e ressurreição. No *pão vivo que desceu do céu* (João 6,51) recebemos a Ele em pessoa, e com Ele nos é dado o penhor da vida eterna, que nos faz saborear antecipadamente o banquete eterno da Jerusalém celeste. Mais que de uma experiência diária de fé, trata-se da síntese do próprio núcleo do mistério da Igreja. Daí que a participação no banquete eucarístico tem um efeito unificador, como escreveu o apóstolo Paulo: *O pão que partimos não é a*

*comunhão do corpo de Cristo? Uma vez que há um só pão, nós, embora sendo muitos, formamos um só corpo, porque todos participamos do mesmo pão (1 Cor 10,16-17) (JOÃO PAULO II, 2003, 23).*

Na preparação para a celebração da festa de *Corpus Christi* de 1977, um texto proposto para reflexão dizia: *O pão foi feito não de um grão, mas de muitos.* Isso estava na encíclica *Mystici Corporis*, do papa Pio XII que, recordando o ensinamento da Igreja em seus primórdios, escreveu:

O sacramento da eucaristia ao mesmo tempo em que é viva e admirável imagem da unidade da Igreja – pois que o pão da hóstia é um, resultante de muitos grãos (Didaké 9,4) – dá-nos o próprio autor da graça sobrenatural, para dele haurirmos o Espírito da caridade que nos fará viver não a nossa, mas a vida de Cristo e amar o próprio Redentor em todos os membros do seu corpo social (PIO XII, 1943, 82).

### **Igreja em novo modo de pastoral urbana.**

A periferia, percebida como espaço onde a vida digna era negada a milhões de pessoas humanas, era o campo de serviço prioritário da Igreja, na caridade de Cristo. Ali e em toda a cidade estava uma imensa população afeita ao trabalho. Dom Arns, mostrando que essa população trabalhadora trazia vida, juventude e força para a vida da Igreja, dizia: *... o importante é saber estimular a esperança e abrir caminhos na vida eclesial para que este povo, tão ativo e generoso, se torne o seu próprio evangelizador e encontre os caminhos de solidariedade nesta grande metrópole (ARQUIDIOCESE de São Paulo, 1970-1974, I, p. 4).*

Justamente, os caminhos de solidariedade estavam também fora da Igreja. É afirmação do Concílio que *o Povo de Deus e a humanidade na qual ele se insere prestam-se serviços mútuos. Assim a missão da Igreja se manifesta como religiosa e, por isso mesmo, humana no mais alto grau (GS 11)*. Por isso, toda a ação pastoral passou a ser pensada e assumida em diálogo, colaboração e parceria com as organizações e movimentos do povo trabalhador, dos jovens estudantes, das mulheres que reivindicavam atendimento às necessidades básicas dos seus filhos, das famílias dos torturados e desaparecidos e outros.

Como insistia Dom Arns, era urgente *formar o corpo da Igreja com possibilidades de transmitir a vida e o amor que recebemos do Pai, através de Jesus, na unidade orgânica e na comunicação dessa vida*. E pelo fato de que todos os habitantes da grande cidade tinham *direito à vida que vem de Deus, através de sua Palavra encarnada na Igreja*, a exigência era a de se forjar um novo modo de pastoral urbana, com especial empenho na formação e multiplicação de líderes do meio do laicato (ARQUIDIOCESE de São Paulo, 1970-1974, V, p. 3; *O São Paulo*, 1974, p. 7).

Porém, na estrutura da Igreja faltavam canais que fizessem a circulação de vida chegar aos porões de uma sociedade cheia de desigualdades e injustiças.

Buscava-se, então, abrir caminhos e organismos favoráveis à comunicação entre paróquias, grupos e movimentos, para que a realidade eclesial fosse apta a responder às diferentes condições e ambientes em que viviam as pessoas.

A leitura bíblica, com reflexão e oração comunitária, alimentava a corresponsabilidade de todos nesta preocupação. As discípulas e os discípulos, como ramos da videira, têm que permanecer unidos à cepa que é Cristo (João 15,1-6), e assim empenhar-se no apostolado no mundo, para que nenhum ramo fique seco por falta de circulação da seiva. No fundamento desta Palavra de Jesus, Dom Arns insistia na urgência da criação de canais no corpo da Igreja, aptos a transmitirem a todas as pessoas, onde quer que estivessem, *a vida e o amor que recebemos do Pai, através de Jesus* (ARQUIDIOCESE de São Paulo, 1970-1974, V, p. 8).

Por isso foi criado o que passou a constituir a unidade básica, na organicidade da Igreja particular: o Setor. Mas os Setores não seriam somente porções menores – e já imensas – das regiões episcopais da arquidiocese, com suas paróquias e comunidades. Seriam como laboratórios de pastoral para cada pedaço da cidade; seriam canais para a circulação de vida para todos; e seriam a expressão de uma Igreja aberta, deslocada do centro para a periferia, inserida na pluralidade e em todos os ambientes (*O São Paulo*, 1974, p. 7).

Isso nos remete à atual chamada do papa Francisco para que, como Igreja, nos coloquemos no processo de conversão pastoral que faz passar de Igreja autorreferencial a Igreja em permanente estado de missão. Nossa identidade de crentes não está em ficar encerrados nas nossas paróquias ou sentados na secretaria. Somos resgatados dessa auto referencialidade pelo encontro ou reencontro com o amor de Deus, que se converte em amizade feliz. Daí que a Igreja *em saída* é uma Igreja com as portas abertas, na dinâmica do dom de si e no êxodo ao encontro dos outros. Ela assume a intimidade de Jesus, que é uma intimidade itinerante (*EG* 8, 23, 25, 46).

### **Igreja em opção preferencial pelos pobres.**

O Concílio Vaticano II, que revalorizou as realidades históricas, também operou uma virada antropocêntrica na mentalidade e na atuação da Igreja. Desse modo, na perspectiva do Evangelho, a opção prioritária passou a ser a pessoa humana: em sua integralidade enquanto corpo, alma, coração, consciência, inteligência e vontade; situada em sua realidade histórica e cultural; com todo o seu potencial e todas as suas relações. No âmbito comunitário, o foco se põe numa nova humanidade, pautada nas relações de fraternidade universal (*GS* 3 e 30) (cf. *DOMEZI*, 2014, p. 16; 45-46).

O papa João XXIII expressara o seu desejo de que a Igreja saísse do Concílio tão próximo dos pobres a ponto de eles nela se sentirem como em sua própria casa. Em sua radiomensagem de 11 de setembro de 1962, falava do serviço que

a Igreja deve prestar ao mundo a partir da sua fé em Cristo, especialmente objetivando a igualdade de todos os povos no exercício de seus direitos e deveres, na defesa da família e na responsabilidade social. E aí ele lançou o tema da Igreja dos pobres: *Outro ponto luminoso. Em face dos países subdesenvolvidos, a Igreja apresenta-se tal qual é e quer ser – como a Igreja de todos se particularmente a Igreja dos pobres* (apud KLOPPENBURG, 1963, p. 301).

Foi à luz do testemunho bíblico de Cristo que se fez pobre que o Concílio consagrou a Igreja como servidora de todas as pessoas humanas: ... *assim como Cristo consumou a obra da redenção na pobreza e na perseguição, assim a Igreja é chamada a seguir o mesmo caminho a fim de comunicar aos homens os frutos da salvação* (LG 8). E chamou a Igreja à solicitude especialmente com os pobres e os sofredores:

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo. Não se encontra nada verdadeiramente humano que não lhes ressoe no coração (GS 1).

Dom Arns era fiel ao Concílio. Também assumia o compromisso da Igreja na América Latina que, na Conferência Geral de Medellín, fez a decidida opção conciliar pelo ser humano ser *antes* uma opção pelos pobres, dada à gravidade da pobreza e exclusão de multidões de pessoas neste continente.

O Documento de Medellín está por inteiro na perspectiva desta opção e afirma que ela é condição para abraçarmos a missão no seguimento de Jesus. Condena a injustiça estrutural como *violência institucionalizada* (Med. 2,16); reconhece os pobres como sujeitos da sua libertação integral; chama a Igreja a ser pobre e solidária com os pobres (Med. 14).

A opção preferencial pelos pobres foi continuada e mais explicitada na Conferência de Puebla, em 1979: *Afirmamos a necessidade de conversão de toda a Igreja para uma opção preferencial pelos pobres, no intuito de sua integral libertação* (DP 1134). E seria assumida nas subsequentes Conferências Gerais da Igreja do Episcopado da América Latina.

Um passo importante foi dado pelo papa Bento XVI, em seu Discurso Inaugural da Conferência de Aparecida. Ele se referia à *família universal de Deus na Igreja Católica*, dada pela fé. O encontro com Deus é, em si mesmo, encontro com os irmãos; é um ato de convocação, unificação, responsabilidade para com os outros. *Neste sentido*, acrescentou ele, *a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com sua pobreza* (cf. 2 Cor 8,9) (BENTO XVI, 2007, 3).

O papa Francisco, após retomar essa afirmação de Bento XVI, acrescenta: *Por isso, desejo uma Igreja pobre para os pobres* (EG 198). *Este imperativo de ouvir o clamor dos pobres fez-se carne em nós* (EG 193). Os pobres ocupam lu-

gar preferencial no coração de Deus. Ele mesmo *se fez pobre* (2 Cor 8,9). Desde o *sim* de uma jovem humilde, de uma pequena povoação perdida na periferia de um grande império, todo o caminho da redenção está assinalado pelos pobres (EG 197). E dado que, nas atuais condições da sociedade mundial, são tantas as desigualdades e inúmeras as pessoas descartadas, privadas dos direitos humanos fundamentais, o princípio do bem comum torna-se *um apelo à solidariedade e uma opção preferencial pelos mais pobres* (LS 158).

Essa opção, diz ainda o papa Francisco, deve traduzir-se principalmente numa *solicitude religiosa privilegiada e prioritária* da parte da Igreja, que lhes oferece a amizade de Deus, a bênção e a Palavra de Deus, bem como a celebração dos sacramentos e a proposta de um caminho de crescimento e amadurecimento na fé (EG 200). Mas também os pobres têm muito a nos ensinar. Eles participam do *sensus fidei* e, nas suas próprias dores, conhecem a Cristo sofredor. É preciso que nos deixemos evangelizar por eles. Somos chamados a descobrir Cristo neles. Além de lhes emprestar nossa voz nas suas causas, temos que ser seus amigos, escutá-los, compreendê-los, acolher a misteriosa sabedoria que Deus nos quer comunicar através deles (EG 188; 198).

Dom Arns sempre repetia que muito aprendemos dos pobres. Já em 1972, logo após lançar a Operação Periferia, ele afirmou: *O Cristo que está na periferia ensina o serviço e chama para a contínua revisão de vida*. Ele lembrava que, entre os valores das pessoas da periferia, realçavam-se a liberdade, o sentimento comunitário, a fé e a atitude de serviço (O São Paulo, 1972, p. 7).

Atualmente, seguindo as exortações do papa Francisco, podemos entender os esforços da Igreja particular de São Paulo, sob o pastoreio de Dom Paulo Evaristo Arns, como uma *Igreja em saída*, que participou da construção de uma *cidade fiável*. Colocando-se a serviço da justiça, do direito e da paz, criou relações interpessoais favorecedoras da verdadeira percepção da mensagem do Evangelho (LF 50-51).

A opção preferencial pelos pobres, que faz parte da nossa fé cristológica, é um chamado para toda a Igreja Universal. Sua missão de cooperar para resolver as causas estruturais da pobreza e de promover o desenvolvimento integral dos pobres, se faz ao mesmo tempo dos *gestos mais simples e diários de solidariedade para com as misérias muito concretas* (EG 188).

### Referências bibliográficas:

ARNS, P. E. *Da Esperança à utopia: testemunho de uma vida*. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

\_\_\_\_\_. Entrevista. In: *Manchete*, 7 de outubro de 1972.

ARQUIDIOCESE de São Paulo. *O São Paulo*, Jornal Semanário: 19 de fevereiro de 1972; 16 a 22 de junho de 1973; 5 a 11 de janeiro de 1974; 7 a 13 de junho de 1976; 15 a 21 de junho de 1978.

- \_\_\_\_\_. Relatório Quinquenal – 1970-1974; 1975-1979.
- BENTO XVI. Carta Apostólica sob a forma de Motu Próprio *Intima Ecclesiae natura* (11 de novembro de 2012). In: *Acta Apostolicae Sedis*, 104, 2012.
- \_\_\_\_\_. Discurso Inaugural dos trabalhos da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe. In: CELAM. *Documento de Aparecida*. São Paulo: Paulus/Paulinas/CNBB, 2007.
- CELAM. *Conclusões da Conferência de Medellín – 1968*. Texto Oficial. São Paulo: Paulinas, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Evangelização no presente e no futuro da América Latina*. Conclusões da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano. São Paulo: Paulinas, 1979.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Vaticano II: mensagens, discursos e documentos*. São Paulo: Paulinas, 1998.
- DOMEZI, M. C. *Do Corpo Cintilante ao Corpo Torturado: uma Igreja em Operação Periferia*. São Paulo: Paulus, 1995.
- \_\_\_\_\_. *O Concílio Vaticano II e os Pobres*. São Paulo: Paulus, 2014, (coleção Marco Conciliar).
- FRANCISCO, papa. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium. A Alegria do Evangelho*. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus/Loyola, 2013.
- \_\_\_\_\_. Carta Encíclica *Laudato Si'. Louvado sejas*. Sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus/Loyola, 2015.
- \_\_\_\_\_. Carta Encíclica *Lumen Fidei* do Sumo Pontífice Francisco. Aos presbíteros, diáconos, pessoas consagradas e a todos os fiéis leigos. São Paulo: Paulinas, 2013, (Coleção A Voz do Papa), doc. 197.
- JOÃO PAULO II. Carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*. Sobre a Eucaristia na sua relação com a Igreja. São Paulo: Paulinas, 2003, (doc. 185).
- \_\_\_\_\_. Carta Apostólica *Mane Nobiscum Domine*. Do Sumo Pontífice João Paulo II ao episcopado, ao clero e aos fiéis para o Ano da Eucaristia. São Paulo: Paulinas, 2004, (Coleção Voz do Papa), doc. 187.
- \_\_\_\_\_. *Catecismo da Igreja Católica*. São Paulo: Loyola, 2011.
- KLOPPENBURG, B. *O Concílio Vaticano II*. V. II, 1<sup>a</sup>. Sessão. Petrópolis: Vozes, 1963.
- PAULO VI, papa. Carta Apostólica *Octogésima Adveniens* de Sua Santidade o Papa Paulo VI por ocasião do 80<sup>o</sup> Aniversário da Encíclica *Rerum Novarum*. São Paulo: Paulinas, 2000, (coleção A Voz do Papa), doc. 68).
- PIO XII. Carta Encíclica *Mystici Corporis Christi*, 29 de junho de 1943. São Paulo: Paulinas, 1965, (coleção A Voz do Papa).
- POTTER, P. Prefácio. In: ARQUIDIOCESE de São Paulo. *Brasil: Nunca Mais*. 3<sup>a</sup>. ed. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 15-19.